

GRÁTIS

AULAS PRONTAS EM POWERPOINT,
RESUMOS E MODELOS DE PROVAS.
[LINK PARA DOWNLOAD](#)

Wayne Grudem

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

ATUAL E EXAUSTIVA

NOVA EDIÇÃO COM ÍNDICES

Conteúdo

ABREVIATURAS		XIII
PREFÁCIO		XV
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA		XX
CAPÍTULO 1:	Introdução à Teologia Sistemática <i>Que é teologia sistemática? Por que os cristãos devem estudá-la? Como devemos estudá-la?</i>	1
PARTE 1 A DOCTRINA DA PALAVRA DE DEUS		
CAPÍTULO 2:	A Palavra de Deus <i>Quais as diferentes formas da Palavra de Deus?</i>	23
CAPÍTULO 3:	O Cânon das Escrituras <i>O que faz e o que não faz parte da Bíblia?</i>	28
CAPÍTULO 4:	As Quatro Características das Escrituras: (1) Autoridade <i>Como sabemos que a Bíblia é a Palavra de Deus?</i>	44
CAPÍTULO 5:	A Inerrância das Escrituras <i>A Bíblia contém erros?</i>	58
CAPÍTULO 6:	As Quatro Características das Escrituras: (2) Clareza <i>Será que só os estudiosos da Bíblia podem compreendê-la corretamente?</i>	70
CAPÍTULO 7:	As Quatro Características das Escrituras: (3) Necessidade <i>Para que fins é necessária a Bíblia? Quanto as pessoas podem saber de Deus sem a Bíblia?</i>	77
CAPÍTULO 8:	As Quatro Características das Escrituras: (4) Suficiência <i>Será a Bíblia suficiente para conhecermos o que Deus quer que pensemos ou façamos?</i>	86

Teologia Sistemática

PARTE 2 A DOCTRINA DE DEUS

CAPÍTULO 9:	A Existência de Deus <i>Como sabemos que Deus existe?</i>	97
CAPÍTULO 10:	A Cognoscibilidade de Deus <i>Será que podemos realmente conhecer a Deus? Quanto de Deus podemos conhecer?</i>	101
CAPÍTULO 11:	O Caráter de Deus: Atributos “Incomunicáveis” <i>Em que aspectos Deus é diferente de nós?</i>	105
CAPÍTULO 12:	O Caráter de Deus: Atributos “Comunicáveis” (Primeira Parte) <i>Em que aspectos Deus é como nós no seu ser e nos atributos mentais e morais?</i>	131
CAPÍTULO 13:	O Caráter de Deus: Atributos “Comunicáveis” (Segunda Parte) <i>Em que aspectos é Deus como nós nos atributos da vontade e nos que sintetizam a sua excelência?</i>	154
CAPÍTULO 14:	Deus em Três Pessoas: a Trindade <i>Como Deus pode ser três pessoas, porém um só Deus?</i>	165
CAPÍTULO 15:	A Criação <i>Por que, como e quando Deus criou o universo?</i>	198
CAPÍTULO 16:	A Providência Divina <i>Se Deus controla todas as coisas, será que nossos atos podem ter significado real? Quais são os decretos de Deus?</i>	247
CAPÍTULO 17:	Milagres <i>Que são milagres? Será que podem acontecer hoje?</i>	286
CAPÍTULO 18:	A Oração <i>Por que Deus quer que oremos? Como orar com eficácia?</i>	305
CAPÍTULO 19:	Anjos <i>Que são anjos? Por que Deus os criou?</i>	323
CAPÍTULO 20:	Satanás e os Demônios <i>Como devem os cristãos encarar hoje Satanás e os demônios? Batalha espiritual.</i>	335

Conteúdo

PARTE 3 A DOCTRINA DO HOMEM

CAPÍTULO 21:	A Criação do Homem <i>Por que Deus nos criou? Como Deus nos fez semelhantes a ele próprio? Como podemos agradá-lo pelo nosso viver?</i>	361
CAPÍTULO 22:	O Ser Humano como Homem e Mulher <i>Por que Deus criou dois sexos? Podem homens e mulheres ser iguais, tendo porém papéis diferentes?</i>	373
CAPÍTULO 23:	A Essência da Natureza do Homem <i>O que a Bíblia quer dizer com “alma” e “espírito”? Será que são a mesma coisa?</i>	388
CAPÍTULO 24:	O Pecado <i>Que é pecado? Qual a sua origem? Será que herdamos de Adão uma natureza pecaminosa? Será que herdamos de Adão a culpa?</i>	403
CAPÍTULO 25:	As Alianças entre Deus e o Homem <i>Que princípios determinam a forma pela qual Deus se relaciona conosco?</i>	425

PARTE 4 AS DOCTRINAS DE CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO

CAPÍTULO 26:	A Pessoa de Cristo <i>Como Jesus pode ser plenamente Deus e plenamente homem, e ainda assim uma pessoa?</i>	435
CAPÍTULO 27:	A Expição <i>Era mesmo necessário que Cristo morresse? A vida terrena de Jesus como um todo conquistou-nos algum benefício salvífico? A causa e a natureza da expiação. Teria Cristo descido ao inferno?</i>	471
CAPÍTULO 28:	Ressurreição e Ascensão <i>Como era o corpo ressurreto de Jesus? Qual é o significado disso para nós? Que aconteceu com Cristo quando subiu ao céu? Que se quer dizer com os estados de Jesus Cristo?</i>	509
CAPÍTULO 29:	Os Ofícios de Cristo <i>Como Cristo é profeta, sacerdote e rei?</i>	523

Teologia Sistemática

CAPÍTULO 30:	A Obra do Espírito Santo <i>Quais são as atividades distintas do Espírito Santo na história da Bíblia?</i>	530
--------------	---	-----

PARTE 5

A DOCTRINA DA APLICAÇÃO DA REDENÇÃO

CAPÍTULO 31:	A Graça Comum <i>Quais são as bênçãos que Deus dá a todas as pessoas, tanto a crentes como a incrédulos?</i>	549
CAPÍTULO 32:	Eleição e Reprovação <i>Quando e por que Deus nos escolhe? Será que alguns não são escolhidos?</i>	559
CAPÍTULO 33:	O Chamado do Evangelho e o Chamado Eficaz <i>Que é a mensagem do evangelho? Como ela se torna eficaz?</i>	579
CAPÍTULO 34:	Regeneração <i>O que significa nascer de novo?</i>	584
CAPÍTULO 35:	Conversão (Fé e Arrependimento) <i>Que é o verdadeiro arrependimento? Que é fé salvífica? Podem as pessoas aceitar Jesus como Salvador, mas não como Senhor?</i>	592
CAPÍTULO 36:	Justificação (Direito Legal de Estar Diante de Deus) <i>Como e quando obtemos o direito legal de estar diante de Deus?</i>	603
CAPÍTULO 37:	Adoção (Filiação na Família de Deus) <i>Quais são os benefícios de ser membro da família de Deus?</i>	615
CAPÍTULO 38:	Santificação (Tornar-se Semelhante a Cristo) <i>Como avançamos em direção à maturidade cristã? Quais são as bênçãos do crescimento cristão?</i>	622
CAPÍTULO 39:	Batismo e Plenitude no Espírito Santo <i>Devemos buscar um “batismo no Espírito Santo” após a conversão? Que significa ser cheio do Espírito Santo?</i>	635
CAPÍTULO 40:	A Perseverança dos Santos (Conservar-se Cristão) <i>Podem os verdadeiros cristãos perder a salvação? Como saber se realmente nascemos de novo?</i>	659

Conteúdo

CAPÍTULO 41:	A Morte e o Estado Intermediário <i>Qual o propósito da morte na vida cristã? O que acontece com o nosso corpo e com a nossa alma quando morremos?</i>	679
CAPÍTULO 42:	Glorificação (Receber o Corpo Ressurreto) <i>Quando receberemos o corpo ressurreto? Como será esse corpo?</i>	695
CAPÍTULO 43:	A União com Cristo <i>Que significa estar “em Cristo” ou “unido a Cristo”?</i>	704

PARTE 6 A DOCTRINA DA IGREJA

CAPÍTULO 44:	A Igreja: Natureza, Características e Propósitos <i>De que é feita uma igreja? Como podemos reconhecer uma igreja verdadeira? Quais os propósitos de uma igreja?</i>	715
CAPÍTULO 45:	Pureza e Unidade da Igreja <i>Que faz uma igreja ser razoavelmente agradável a Deus? Com que tipo de igreja devemos cooperar e dela participar?</i>	733
CAPÍTULO 46:	O Poder da Igreja <i>Que tipo de autoridade tem a igreja? Como deve funcionar a disciplina eclesiástica?</i>	744
CAPÍTULO 47:	O Governo da Igreja <i>Como deve a igreja ser governada? Como devem ser escolhidos os oficiais da igreja? Devem-se ordenar mulheres ao pastorado?</i>	758
CAPÍTULO 48:	Meios de Graça na Igreja <i>Quais as diversas atividades da igreja que Deus usa para nos dispensar bênçãos? O que perdemos se deixamos de participar de uma igreja?</i>	801
CAPÍTULO 49:	Batismo <i>Quem deve ser batizado? Como isso deve ser feito? Qual o seu significado?</i>	814
CAPÍTULO 50:	A Ceia do Senhor <i>Qual é o significado da ceia do Senhor? Como ela deve ser observada?</i>	834
CAPÍTULO 51:	Adoração <i>Como pode nossa adoração cumprir seu grande propósito na era do Novo Testamento? Que significa adorar “em espírito e em verdade”?</i>	847

Teologia Sistemática

CAPÍTULO 52:	Os Dons do Espírito Santo: (1) Perguntas Gerais <i>Que são dons espirituais? Quantos dons existem? Algum dom teria desaparecido? Buscando e usando os dons espirituais.</i>	859
CAPÍTULO 53:	Os Dons do Espírito Santo: (2) Dons Específicos <i>Como compreender e usar dons espirituais específicos?</i>	892

PARTE 7 A DOCTRINA DO FUTURO

CAPÍTULO 54:	A Volta de Cristo: Quando e Como? <i>Quando e como será a volta de Cristo? Poderá ele voltar a qualquer momento?</i>	931
CAPÍTULO 55:	O Milênio <i>Que é o milênio? Quando ele vai acontecer? Os cristãos passarão pela grande tribulação?</i>	946
CAPÍTULO 56:	O Juízo Final e o Castigo Eterno <i>Quem será julgado? Que é o inferno?</i>	974
CAPÍTULO 57:	O Novo Céu e a Nova Terra <i>Que é o céu? É um lugar? Como a terra será renovada? Como será a vida no novo céu e na nova terra?</i>	988

APÊNDICES

APÊNDICE 1:	Confissões de Fé Históricas	
	Credo dos Apóstolos	996
	Credo de Nicéia	996
	Credo de Calcedônia	996
	Credo de Atanásio	997
	Os Trinta e Nove Artigos	998
	Confissão de Westminster	1007
	Confissão Batista de New Hampshire	1026
	Mensagem e Fé Batista	1029
	A Declaração de Chicago sobre a Inerrância da Bíblia	1033
APÊNDICE 2:	Bibliografia Comentada de Teologias Sistemáticas Evangélicas	1039

Prefácio

Não escrevi este livro para professores de teologia (embora espere que muitos deles o leiam). Eu o escrevi para estudantes – e não só para estudantes, mas também para todo cristão que tenha fome de conhecer com maior profundidade as doutrinas centrais da Bíblia.

Tentei tornar este livro compreensível mesmo para cristãos que nunca tenham estudado teologia. Evitei usar termos técnicos sem explicá-los antes. E os capítulos, em sua maioria, podem ser lidos separadamente, de tal modo que uma pessoa pode começar por qualquer capítulo e compreendê-lo sem ter lido o material anterior.

Estudos introdutórios não precisam ser superficiais nem simplistas. Estou convencido de que a maioria dos cristãos é capaz de entender com profundidade razoável os ensinamentos doutrinários da Bíblia, desde que estes sejam apresentados com clareza e sem o uso de linguagem altamente técnica. Por isso, não hesitei em tratar de controvérsias teológicas com detalhes bastantes quando isso me pareceu necessário.

Contudo, este livro, a despeito de seu tamanho, ainda é uma *introdução* à teologia sistemática. Livros inteiros têm sido escritos acerca dos assuntos cobertos em cada capítulo desta obra, e artigos inteiros têm sido produzidos sobre muitos versículos citados aqui. Portanto, cada capítulo pode ser expandido em estudos complementares com maior amplitude ou profundidade, para aqueles que estiverem interessados.

Estas seis características deste livro brotaram das minhas convicções acerca do que é teologia sistemática e de como ela deve ser ensinada:

1. Uma base bíblica clara para as doutrinas. Por crer que a teologia deve ser baseada explicitamente nos ensinamentos das Escrituras, tentei mostrar em cada capítulo que trecho da Bíblia dá apoio às doutrinas em consideração. Na realidade, por crer que as palavras das Escrituras têm em si poder e autoridade maior do que qualquer palavra humana, não me limitei a dar referências bíblicas; com freqüência *citei* passagens das Escrituras por inteiro de modo que os leitores possam examinar facilmente por si mesmos os dados fornecidos pela Bíblia e dessa forma agir como os nobres de Beréia, que examinavam “as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (At 17.11).

2. Clareza na explicação das doutrinas. Não creio que Deus deseje que o estudo da teologia resulte em confusão e frustração. Um aluno que saia de um curso de teologia cheio somente de incerteza doutrinária e com milhares de perguntas não respondidas dificilmente terá “poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tt 1.9). Sendo assim, tentei expressar as posições doutrinárias deste livro de modo claro e mostrar em que parte das Escrituras encontrei provas convincentes para elas. Não espero que todas as pessoas que lerem esta obra concordem comigo em todos os pontos da doutrina; o que penso é que todo leitor entenderá as posições que defendo e saberá onde pode ser encontrada a passagem bíblica que lhes serve de apoio.

Penso que não estarei fazendo nada além de ser honesto para com os leitores deste livro ao apresentar no começo as minhas próprias convicções com respeito a certos pontos que

Teologia Sistemática

são objetos de debates dentro do cristianismo evangélico. Sou comprometido com uma visão conservadora de inerrância bíblica, bem de acordo com a “Declaração de Chicago” do Congresso Internacional sobre Inerrância Bíblica (capítulo 5 e apêndice 1, p. 1033), e com a posição reformada tradicional a respeito de questões relacionadas com a soberania de Deus e com a responsabilidade do homem (capítulo 16), a extensão da expiação (capítulo 27) e o problema da predestinação (capítulo 32). De acordo com a visão reformada, sustento que as pessoas realmente nascidas de novo nunca perderão sua salvação (capítulo 40). Com respeito à relação entre homens e mulheres, defendo uma visão que não é nem tradicional nem feminista, mas “complementarista” – isto é, que Deus criou o homem e a mulher iguais em valor e personalidade e iguais no fato de ambos serem dotados da imagem divina, mas tanto a criação como a redenção indicam alguns papéis distintos no casamento (capítulo 22) e na igreja (capítulo 47). Sobre o governo da igreja, defendo uma forma congregacional modificada, com pluralidade de presbíteros em cargos de liderança (capítulo 47). Defendo uma visão batista do batismo, segundo a qual os que fizeram uma profissão de fé pessoal digna de crédito devem ser batizados (capítulo 49). Sustento que “batismo no Espírito Santo” é uma frase que se aplica melhor à conversão e que as experiências posteriores são mais bem designadas pela expressão “ser cheio do Espírito Santo” (capítulo 39); além disso, proponho que todos os dons do Espírito Santo mencionados no Novo Testamento ainda são válidos hoje, mas “apóstolo” é um ofício, não um dom, e esse ofício não existe mais (capítulos 52, 53). Sou pré-milenista pós-tribulacionista, pois creio que a segunda vinda de Cristo pode ocorrer a qualquer dia e precederá o milênio – isto é, marcará o começo do reino milenar de Cristo, de paz perfeita sobre a terra – mas se dará após a tribulação – ou seja, muitos cristãos passarão pela grande tribulação (capítulos 54, 55).

Isso não significa que ignoro outros pontos de vista. Onde há diferenças doutrinárias dentro do cristianismo evangélico, tentei representar outras posições com imparcialidade, explicar por que discordo delas e fornecer referências das melhores defesas disponíveis das posições opostas. (Se falhei em representar uma visão oposta de modo exato, apreciarei cartas [em inglês] de qualquer pessoa que sustente essa posição e farei correções se uma nova edição deste livro for publicada.)

3. Aplicação à vida. Não acredito que Deus deseje que o estudo da teologia seja árido e enfadonho. Teologia é o estudo de Deus e de todas as suas obras! Teologia deve ser *vivida, orada e cantada!* Todos os grandes textos doutrinários da Bíblia (tal como a Epístola de Paulo aos Romanos) estão cheios de louvor a Deus e aplicação pessoal à vida. A verdadeira teologia é “ensino segundo a piedade” (1 Tm 6.3), e a teologia estudada corretamente nos levará ao crescimento na vida cristã e à adoração.

4. Centrada no mundo evangélico. Não penso que um verdadeiro sistema de teologia possa ser construído a partir do que podemos chamar de tradição teológica “liberal” – isto é, por pessoas que negam a absoluta veracidade da Bíblia, ou que não pensam que as palavras da Bíblia sejam realmente palavras de Deus (veja capítulo 4, sobre a autoridade das Escrituras). Por essa razão, os escritores com os quais interajo nesta obra pertencem em sua maioria ao que é chamado hoje tradição “conservadora evangélica” maior – que inclui desde os grandes reformadores João Calvino e Martinho Lutero até os escritos dos eruditos evangélicos de hoje. Escrevo como evangélico e para evangélicos. Isso não significa que

Prefácio

os de tradição liberal não tenham algo de valor a dizer; significa simplesmente que nossas diferenças com eles quase sempre se reduzem a questões sobre a natureza da Bíblia e sua autoridade. O grau de concordância doutrinária alcançado por pessoas com bases de autoridade muito divergentes é bem baixo. Sou grato por amigos evangélicos que escrevem extensas críticas da teologia liberal, mas não penso que todos sejam chamados para isso, ou que uma extensa análise da perspectiva liberal seja o meio mais proveitoso para construir um sistema positivo de teologia baseada na completa veracidade da Bíblia como um todo. Na realidade, de modo um tanto parecido com o do menino do conto de Hans Christian Andersen que gritou “O rei está nu!”, penso que alguém precisa mostrar ser duvidoso que teólogos liberais tenham-nos dado alguma compreensão expressiva dos ensinamentos doutrinários das Escrituras que não pudesse ser encontrada antes nos autores evangélicos.

Nem sempre se reconhece que o mundo da erudição evangélica conservadora é tão rica e diversificada que proporciona ampla oportunidade para exploração de diferentes pontos de vista e percepções quanto às Escrituras. Penso que no final das contas alcançaremos entendimento muito mais profundo das Escrituras quando somos capazes de estudá-la junto com grande número de eruditos que começam todos sob a convicção de que a Bíblia é completamente verdadeira e possui autoridade absoluta. As referências às teologias sistemáticas ao longo deste livro refletem essa convicção: embora elas se subdividam em sete tradições teológicas principais (anglicana/episcopal, arminiana/wesleyana/metodista, batista, dispensacionista, luterana, reformada/presbiteriana e renovada/carismática/pentecostal), todas estão comprometidas com a inerrância da Bíblia e pertencem à corrente que hoje pode ser chamada posição evangélica conservadora. (Além disso faço referências a duas teologias católicas romanas representativas, porque o catolicismo romano continua a exercer influência expressiva no mundo.)

5. Esperança de avanço na unidade doutrinária na igreja. Creio que existe ainda muita esperança de que a igreja alcance compreensão doutrinária mais profunda e mais pura e vença velhas barreiras, até mesmo aquelas que têm persistido por séculos. Jesus está trabalhando para aperfeiçoar sua igreja a fim de “a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5.27) e tem dado dons para equipar a igreja “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus” (Ef 4.13). Embora a história da igreja possa desanimar-nos, essas passagens bíblicas permanecem verdadeiras, e não devemos abandonar a esperança de uma concordância maior. De fato, temos visto neste século entendimento muito maior e um pouco mais de concordância doutrinária entre teólogos da aliança e dispensacionistas, e entre carismáticos e não-carismáticos; além disso, penso que o entendimento da igreja acerca da inerrância bíblica e dos dons espirituais também tem aumentado de modo significativo nestas últimas décadas. Creio que o atual debate sobre os papéis apropriados dos homens e das mulheres no casamento e na igreja também resultará por fim num entendimento muito maior do ensino das Escrituras, por mais que a controvérsia seja dolorosa agora. Portanto, não hesitei em lembrar de novo neste livro algumas das antigas diferenças (por exemplo, quanto a batismo, ceia do Senhor, governo da igreja, milênio e tribulação e predestinação) na esperança de que, pelo menos em alguns casos, um novo estudo das Escrituras provoque um novo exame dessas doutrinas e até estimule algum movimento não simplesmente em direção a uma maior compreensão e tolerância mútuas

Teologia Sistemática

entre pontos de vista diferentes, mas até mesmo em direção a um maior consenso doutrinário na igreja.

6. Consciência da necessidade de maior entendimento doutrinário na igreja como um todo. Estou convencido de que existe hoje na igreja necessidade urgente de uma compreensão muito maior da doutrina cristã ou da teologia sistemática. Não são apenas os pastores e os professores que precisam compreender a teologia com mais profundidade – é a *igreja toda*. Que um dia, pela graça de Deus, possamos ter igrejas cheias de cristãos capazes de discutir, aplicar e *viver* os ensinamentos doutrinários da Bíblia com a mesma facilidade com que discutem detalhes de seu próprio trabalho ou *hobbies* – ou as vitórias e derrotas de seus times ou de seus programas favoritos de televisão. Não é que os cristãos não tenham *capacidade* de entender a doutrina; simplesmente devem ter acesso a ela numa forma compreensível. Uma vez que isso aconteça, penso que muitos cristãos sentirão que a compreensão (e a vivência) das doutrinas das Escrituras é uma de suas maiores alegrias.

Muitas pessoas ajudaram-me a escrever este livro. Devo mencionar primeiro os meus alunos, do passado e do presente, tanto do Bethel College de St. Paul, Minnesota (1977–81), como da Trinity Evangelical Divinity School (a partir de 1981). Suas contribuições sérias e perspicazes durante as discussões em classe influenciaram todos os capítulos desta obra.

Deus tem me abençoado com a ajuda de alguns excelentes digitadores. A digitação do manuscrito foi iniciada por Sherry Kull alguns anos atrás. Mais tarde, Mary Morris, Ron Tilley, Kathryn Sheehan, Shelly Mills, Rebecca Heidenreich, Jenny Hart e Carol Pederson digitaram várias partes. Depois, a maior parte do manuscrito foi digitada com grande habilidade e cuidado por Tammy Thomas, que também ajudou com um pouco de trabalho de edição. Andi Ledesma e Joyce Leong ajudaram muitas vezes com alegria tirando fotocópias. Por fim, Kim Pennington digitou com fidelidade e precisão as muitas correções e mudanças incorporadas durante o processo editorial. Sou grato a todos eles pela ajuda.

John O. Stevenson fez excelente trabalho de compilação de bibliografias, e Don Rothwell completou uma porção significativa das referências cruzadas a outros textos teológicos. H. Scott Baldwin, Tom Provenzola e Mark Rapinchuk deram grande ajuda na leitura de provas e na pesquisa bibliográfica. Beth Manley forneceu excelente ajuda na leitura de provas. George Knight III, Robert Reymond, Harold Hoehner, Robert Saucy, Doug Moo, Tom Nettles, Tom McComiskey, Doug Halsne, Steve Nicholson, Doug Brandt, Steve Figard, Gregg Allison, Ellyn Clark e Terry Mortenson ofereceram comentários detalhados sobre diversas partes. Raymond Dillard gentilmente me forneceu o texto computadorizado da Confissão de Fé de Westminster. Bruce Shauger resolveu meus problemas de computador muitas vezes, e Tim McLaughlin consertou meu computador num momento crucial. John Hughes, amigo de longa data, deu-me conselhos oportunos sobre computadores e sobre publicação de manuscritos várias vezes. Meus filhos também me ajudaram quando o prazo final se aproximou: Elliot, com pesquisa bibliográfica, e Oliver e Alexander (e Matt Tooley, amigo do Alexander), com a compilação e correção de índices.

Uma pessoa teve influência na forma final deste livro mais do que qualquer outra: David Kingdon, Editor de Livros Teológicos da Inter-Varsity Press, na Inglaterra, ajudou-me muito mais do que eu esperava com seu trabalho de editor arguto, consciente e sábio. Ele trabalhou ao longo de todos os capítulos com muito cuidado, sugerindo correções, acréscimos ou

Prefácio

cortes, interagindo com meus argumentos com extensas notas. Seu amplo conhecimento de teologia, estudos bíblicos e história da doutrina tem sido de imenso valor para mim, e o livro ficou muito melhor como resultado do seu trabalho. Além disso, Frank Entwistle da Inter-Varsity Press e Stan Gundry, Jim Ruark e Laura Weller da Zondervan foram muito bondosos e pacientes comigo em muitos detalhes relacionados com a publicação do livro.

Eu não poderia ter completado este trabalho sem a generosa provisão de períodos sabáticos pela Trinity Evangelical Divinity School no outono de 1983, outono de 1985, inverno de 1989 e outono de 1991, e sou grato aos diretores daquela escola por permitirem que eu tivesse esse tempo para escrever. Também sou muito grato pelo apoio de meus pais, Arden e Jean Grudem, que providenciaram generosamente a ajuda financeira que me permitiu escrever durante esses e outros períodos, e que também têm sido fonte de constante incentivo para mim ao longo do caminho, tanto por suas orações como por sua firme convicção de que um livro como este – escrito numa linguagem não-técnica que eles e milhares de cristãos como eles poderiam entender – seria de valor para a igreja.

Acho que quase todas as pessoas que me conheciam estiveram orando por este projeto em algum momento – especialmente os alunos sob minha orientação na Trinity por vários anos e muitos amigos em minha igreja. Com frequência tenho tido consciência da ajuda do Senhor em resposta a essas orações, dando-me saúde e força, proteção contra interrupções e um firme desejo de completar a obra.

Acima de tudo, sou grato pelo apoio de minha esposa Margaret e de meus filhos Elliot, Oliver e Alexander. Eles têm sido pacientes e encorajadores, têm orado por mim e me amado e continuam sendo uma grande fonte de alegria em minha vida, pelo que sou grato a Deus.

Estou certo de que este livro, como todos os livros meramente humanos, tem equívocos e lapsos e também provavelmente alguns argumentos imperfeitos. Se eu soubesse onde eles estão, teria tentado corrigi-los! Por essa razão, serei grato se algum leitor interessado puder me enviar sugestões para mudanças e correções. Não garanto que poderei dar crédito a todas as cartas, mas levarei em consideração o que estiver nelas e farei correções onde puder.

“Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Sl 118.29).

“Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (Sl 115.1).

Wayne Gruden
Trinity Evangelical Divinity School
2065 Half Day Road
Deerfield, Illinois 60015
USA

Prefácio à Edição Brasileira

Sem dúvida alguma, uma das tarefas mais importantes da igreja cristã é procurar entender a revelação de Deus aos homens encontrada nas Escrituras Sagradas. A tentativa de organizar sistematicamente as idéias presentes no texto bíblico deu origem à chamada Teologia Sistemática. Diante da inescapável tarefa de fazê-la, devemos perguntar do que é composta uma boa Teologia Sistemática. Ainda que não seja tão fácil responder a tal pergunta, podemos destacar alguns aspectos indispensáveis para empreender um projeto teológico sistemático:

1. A hermenêutica de afirmação do texto bíblico. Muitos teólogos têm construído um modelo que trata a Bíblia com profunda desconfiança. Na verdade, algum outro fator absoluto, um paradigma filosófico, controla o valor do texto bíblico. Já uma Teologia Sistemática adequada deve ouvir o texto bíblico com reverência e atenção, reconhecendo nele a Palavra de Deus.

2. A relação com a história. Há quem procure “reinventar a roda”, desprezando a experiência do passado. Mas a verdade é que na multidão de conselheiros como Agostinho, Lutero, Calvino e outros há sabedoria. Uma Teologia Sistemática que ignore a herança histórica evangélica não terá bom sucesso.

3. A relevância atual. Não é fácil o desafio de comunicar a mensagem de Deus para as necessidades de uma nova geração. Nossas ênfases teológicas devem interagir com as perguntas de nossa época. Por isso é necessário que um bom empreendimento teológico seja relevante hoje.

4. A amplitude. Nem sempre a síntese será sinal de sabedoria. Há assuntos que exigem uma abordagem completa devido à sua complexidade. A obra sistemática que toca apenas superficialmente em questões importantes com certeza falhará.

5. A coragem de se posicionar. Quando ousamos escrever sobre Deus, sua revelação e seus desígnios precisamos de coragem. Todavia, nem sempre expressar nossa compreensão da revelação bíblica provocará aplausos. Talvez seja por isso que muitas Teologias Sistemáticas preferem ficar no nível etéreo, abstrato, inacessível e nebuloso. Herói, porém, é aquele que se arrisca a responder com detalhes às perguntas que todos fazem, sem preocupar-se tanto com como será visto.

Tendo em vista esses aspectos fundamentais de uma sistemática, foi que a Vida Nova decidiu publicar a relevante obra de Wayne Grudem sobre o assunto. Essa é possivelmente a mais extensa abordagem na área de Teologia Sistemática de linha evangélica já publicada em português. Trata-se de uma obra bem fundamentada que, a nosso ver, possui muito das

Prefácio à Edição Brasileira

características mencionadas. A pena de Grudem tem como mérito estar alicerçada na esteira da Reforma, estar comprometida com a afirmação do texto bíblico, ser uma obra atual e defender corajosamente uma posição específica sobre diversos assuntos. Temos a convicção da utilidade dessa obra para o contexto evangélico e religioso brasileiro, pois ela muito contribuirá para a articulação teológica aprofundada em nosso país. Não é possível ler Grudem e ficar impassível. De fato, muitas vezes concordaremos com cada palavra de sua Sistemática, já em outras vezes discordaremos de algumas de suas colocações particulares e específicas, reforçando nossa defesa contra algumas de suas idéias. Em todo esse exercício, esperamos que cada leitor seja abençoado, crescendo no conhecimento e na graça de Deus em sua vida.

Os Editores

1

Introdução à Teologia Sistemática

*Que é teologia sistemática? Por que os cristãos devem estudá-la?
Como devemos estudá-la?*

EXPLICAÇÃO E BASE BÍBLICA

A. DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Que é teologia sistemática? Muitas definições têm sido dadas, mas para os propósitos deste livro será usada a seguinte: *Teologia sistemática é qualquer estudo que responda à pergunta “O que a Bíblia como um todo nos ensina hoje?” acerca de qualquer tópico.*¹

Essa definição indica que a teologia sistemática envolve compilar e entender todas as passagens relevantes da Bíblia sobre vários tópicos e então sintetizar claramente o seu ensino de tal modo que saibamos em que crer acerca de cada tema.

1. A relação com outras disciplinas. A ênfase deste livro não estará, portanto, na *teologia histórica* (estudo histórico de como os cristãos em diferentes períodos entenderam vários tópicos teológicos) nem na *teologia filosófica* (estudo de tópicos teológicos em grande parte sem o uso da Bíblia, mas mediante o emprego dos instrumentos e métodos do raciocínio filosófico e do que se pode conhecer acerca de Deus a partir da observação do universo) nem na *apologética* (que fornece uma defesa da veracidade da fé cristã com o propósito de convencer incrédulos). Esses três assuntos, que valem a pena ser estudados pelos cristãos, às vezes também são incluídos numa definição mais ampla do termo *teologia sistemática*. Na verdade, algumas considerações de questões históricas, filosóficas e apologéticas serão encontradas em vários pontos ao longo deste livro, porque o estudo histórico nos informa sobre as percepções obtidas e os erros cometidos anteriormente por outros na compreensão das Escrituras; o estudo filosófico ajuda-nos a entender formas corretas ou erradas de pensamento comuns em nossa cultura e em outras; e o estudo apologético ajuda-nos a aplicar os ensinamentos das Escrituras contra as objeções levantadas por incrédulos. Mas essas áreas de estudo não são o ponto central deste volume que, antes,

(1) Teologia Sistemática

interage diretamente com o texto bíblico para entender o que a própria Bíblia nos diz acerca de vários assuntos teológicos.

Se alguém prefere usar o termo *teologia sistemática* no sentido mais amplo que acaba de ser mencionado em lugar do sentido restrito, definido acima, isso não fará muita diferença.² Aqueles que usam a definição mais restrita concordarão em que essas outras áreas de estudo contribuem, indiscutivelmente, de modo positivo para o nosso entendimento da teologia sistemática; e aqueles que usam a definição mais ampla com certeza concordarão em que a teologia histórica, a teologia filosófica e a apologética podem ser distinguidas do processo de compilação e sistematização de todas as passagens bíblicas relevantes para vários tópicos. Além disso, mesmo que os estudos históricos e filosóficos contribuam para nossa compreensão de questões teológicas, só as Escrituras têm a autoridade final para definir aquilo em que devemos crer,³ e por isso devemos gastar algum tempo focalizando o processo de análise do ensino da Bíblia em si.

A teologia sistemática, como a definimos, também se diferencia da *teologia do Antigo Testamento*, da *teologia do Novo Testamento* e da *teologia bíblica*. Essas três disciplinas organizam seus tópicos historicamente e na ordem em que são apresentados na Bíblia. Portanto, na teologia do Antigo Testamento pode-se perguntar: “Qual o ensino de Deuteronômio sobre a oração?” ou “Qual o ensino de Salmos sobre a oração?” ou “Qual o ensino de Isaías sobre a oração?” ou mesmo “Que ensina o Antigo Testamento como um todo sobre a oração e como esse ensino se desenvolveu através da história do Antigo Testamento?” Na teologia do Novo Testamento pode-se perguntar: “Qual o ensino do Evangelho de João sobre a oração?” ou “Qual o ensino de Paulo sobre a oração?” ou mesmo “Que ensina o Novo Testamento sobre a oração e como foi o desenvolvimento histórico desse ensino através do Novo Testamento?”.

“Teologia bíblica” tem um sentido técnico dentro dos estudos teológicos. É uma categoria maior que contém tanto a teologia do Antigo Testamento como a teologia do Novo Testamento, tais como acabamos de definir. A teologia bíblica dá atenção especial aos ensinamentos de *autores específicos e de seções* da Bíblia e ao papel de cada ensino no *desenvolvimento histórico* das Escrituras.⁴ Por isso, pode-se perguntar: “Qual o desenvolvimento histórico do ensino sobre a oração através da história do Antigo Testamento e, depois, do Novo Testamento?” Obviamente, essa pergunta aproxima-se muito da outra, “Que nos ensina hoje a Bíblia como um todo sobre a oração?” (que seria *teologia sistemática* segundo nossa definição). Torna-se evidente, portanto, que as linhas limítrofes entre essas várias disciplinas com frequência se sobrepõem, e partes de um estudo se misturam com as do outro. Contudo, existe ainda uma diferença, pois a teologia bíblica rastreia o desenvolvimento histórico de uma doutrina e o modo pelo qual a posição de uma pessoa em algum ponto desse desenvolvimento histórico afeta sua compreensão e aplicação daquela doutrina específica. A teologia bíblica focaliza também o entendimento que os autores bíblicos e seus primeiros ouvintes tinham de cada doutrina.

A teologia sistemática, por outro lado, faz uso do material da teologia bíblica e com frequência constrói sobre seus resultados. Em alguns pontos, especialmente quando são necessários grande detalhamento e cuidado no desenvolvimento de uma doutrina, a teologia sistemática até usará um método semelhante ao da teologia bíblica, analisando o progresso de cada doutrina ao longo do desenvolvimento histórico das Escrituras. Mas o núcleo da teologia sistemática permanece diferente, concentrando-se na compilação e,

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

depois, na sintetização do ensino de todas as passagens bíblicas sobre um assunto específico. A teologia sistemática pergunta, por exemplo, “Que ensina hoje a Bíblia como um todo sobre a oração?” Ela tenta resumir o ensino das Escrituras numa declaração breve, compreensível e formulada com muito cuidado.

2. A aplicação à vida. Além disso, a teologia sistemática focaliza a sintetização de cada doutrina do modo pelo qual ela deve ser entendida pelos cristãos de hoje. Isso envolverá às vezes o uso de termos e até de conceitos que não foram em si usados por nenhum autor específico da Bíblia, mas que são o resultado adequado da combinação dos ensinamentos de dois ou mais autores bíblicos sobre determinado assunto. Os termos *Trindade*, *encarnação* e *divindade de Cristo*, por exemplo, não são encontrados na Bíblia, mas sintetizam conceitos bíblicos de modo útil.

Definir teologia sistemática incluindo “o que a Bíblia toda *ensina-nos* hoje” pressupõe que a aplicação à vida é uma parte necessária dos estudos de teologia sistemática. Dessa forma, uma doutrina sob consideração é vista em termos de seu valor prático para a vida cristã. Em nenhum lugar das Escrituras encontramos uma doutrina estudada como um fim em si mesma ou isolada da vida. Os escritores bíblicos sempre aplicam seus ensinamentos à vida. Portanto, qualquer cristão que ler este livro deve ter sua vida cristã enriquecida e aprofundada durante o estudo; de fato, se não ocorrer crescimento espiritual, então o livro não foi escrito de maneira adequada pelo autor ou o material não foi estudado de modo correto pelo leitor.

3. A teologia sistemática e a teologia desorganizada. Se usamos essa definição de teologia sistemática, fica claro que na verdade a maioria dos cristãos faz teologia sistemática (ou pelo menos declarações típicas de teologia sistemática) muitas vezes por semana. Por exemplo: “A Bíblia diz que todo aquele que crê em Jesus Cristo será salvo”. “A Bíblia diz que Jesus Cristo é o único caminho para Deus.” “A Bíblia diz que Jesus virá novamente.” Todas essas afirmações são sínteses do que a Bíblia diz e, como tais, declarações típicas de teologia sistemática. Na verdade, toda vez que um cristão diz algo acerca do que a Bíblia toda diz, ele está em certo sentido fazendo “teologia sistemática” – segundo nossa definição – ao pensar a respeito de vários tópicos e responder à pergunta “Que nos ensina a Bíblia como um todo hoje?”⁵

Como este livro difere, então, da “teologia sistemática” que a maioria dos cristãos faz? Primeiro, ele trata tópicos bíblicos de *modo cuidadosamente organizado* a fim de garantir que todos os tópicos importantes recebam completa consideração. Essa organização também fornece uma espécie de controle contra análises imprecisas de tópicos específicos, pois significa que todas as doutrinas tratadas podem ser comparadas com cada tópico, visando coerência em metodologia e ausência de contradições nas inter-relações entre as doutrinas. Ajuda também a assegurar a consideração equilibrada das doutrinas complementares: a divindade e a humanidade de Cristo são estudadas juntas, por exemplo, assim como a soberania de Deus e a responsabilidade do homem, de modo que não sejam tiradas conclusões erradas de uma ênfase desequilibrada em apenas um aspecto da apresentação completa da Bíblia.

Na verdade, o adjetivo *sistemática* na teologia sistemática deve ser compreendido como algo semelhante a “cuidadosamente organizada por tópicos”, entendendo-se que

(1) Teologia Sistemática

os tópicos estudados se ajustam uns aos outros de um modo coerente e incluirão todos os principais temas doutrinários da Bíblia. Portanto, o termo “sistemática” deve ser encarado como oposto de “disposta aleatoriamente” ou “desorganizada”. Na teologia sistemática os tópicos são tratados de maneira ordenada ou “sistemática”.

A segunda diferença entre este livro e o modo pelo qual a maioria dos cristãos faz teologia sistemática é que esta obra trata os tópicos em *muito mais detalhes*. Por exemplo, um cristão comum, como fruto de leitura regular da Bíblia, pode fazer esta declaração teológica: “A Bíblia diz que todo o que crê em Jesus Cristo será salvo”. Este é um resumo perfeitamente verdadeiro de um dos principais ensinamentos bíblicos. Entretanto, neste livro dedicamos várias páginas para elaborar de modo mais preciso o que significa “crer em Jesus Cristo”,⁶ e doze capítulos (capítulos 32-43) são dedicados à tarefa de explicar o que significa “ser salvo”, com todas as muitas implicações dessa frase.

Terceiro, um estudo formal da teologia sistemática tornará possível formular os resumos dos ensinamentos bíblicos com *muito mais exatidão* em comparação com o que os cristãos normalmente conseguem sem tal pesquisa. Na teologia sistemática, resumos dos ensinamentos bíblicos devem ser formulados com precisão a fim de nos proteger contra mal-entendidos e excluir ensinamentos falsos.

Quarto, uma boa análise teológica deve encontrar e tratar com justiça *todas as passagens bíblicas relevantes* a cada tópico em particular, e não apenas parte ou pequeno número de passagens relevantes. Isso significa com frequência que ela deve depender dos resultados da exegese cuidadosa (ou interpretação) das Escrituras geralmente aceitos pelos intérpretes evangélicos ou que, onde houver diferenças significativas de interpretação, a teologia sistemática deve incluir uma exegese detalhada em alguns pontos.

Por causa do grande número de tópicos cobertos num estudo de teologia sistemática e devido ao detalhamento minucioso com que esses tópicos são analisados, é inevitável que alguém, ao estudar um texto ou fazer um curso de teologia sistemática pela primeira vez, tenha muitas de suas crenças pessoais desafiadas ou modificadas, refinadas ou enriquecidas. Por isso, é de extrema importância que qualquer pessoa ao iniciar tal curso tenha em mente a firme resolução de abandonar como falsa qualquer idéia que seja claramente contestada pelo ensino das Escrituras. Mas também é muito importante que cada pessoa esteja determinada a não crer numa doutrina específica simplesmente porque este ou algum outro livro didático ou professor diz que ela é verdadeira, a menos que esta obra ou o instrutor do curso consiga convencer o aluno a partir do próprio texto das Escrituras. É somente a Bíblia, e não a “tradição evangélica conservadora” ou qualquer outra autoridade humana, que deve funcionar como a autoridade normativa para a definição daquilo em que devemos crer.

4. Que são doutrinas? Neste livro, a palavra doutrina será entendida da seguinte maneira: *Uma doutrina é o que a Bíblia como um todo nos ensina hoje acerca de algum tópico específico*. Essa definição está diretamente relacionada com a nossa definição de teologia sistemática, pois mostra que uma “doutrina” é simplesmente o resultado do processo de fazer teologia sistemática com respeito a um tópico específico. Entendidas dessa forma, as doutrinas podem ser bem amplas ou bem restritas. Podemos falar em “doutrina de Deus” como uma categoria doutrinária maior, incluindo uma síntese de tudo o que a Bíblia nos ensina hoje acerca de Deus. Uma doutrina como essa poderia ser excepcional-

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

mente extensa. Por outro lado, podemos também falar de modo mais restrito na doutrina da eternidade de Deus ou na doutrina da Trindade ou ainda na doutrina da justiça de Deus.⁷

O livro é dividido em sete seções principais, de acordo com as sete principais “doutrinas” ou áreas de estudo:

- Parte 1: A Doutrina da Palavra de Deus
- Parte 2: A Doutrina de Deus
- Parte 3: A Doutrina do Homem
- Parte 4: As Doutrinas de Cristo e do Espírito Santo
- Parte 5: A Doutrina da Aplicação da Redenção
- Parte 6: A Doutrina da Igreja
- Parte 7: A Doutrina do Futuro

Dentro de cada uma dessas categorias doutrinárias maiores foram incluídos muitos ensinamentos mais específicos que selecionei por julgá-los adequados. Em geral, esses ensinamentos preenchem pelo menos um dos três requisitos que seguem: (1) são doutrinas mais enfatizadas nas Escrituras; (2) são doutrinas que têm sido mais significativas através da história da igreja e importantes para todos os cristãos de todos os tempos; (3) são doutrinas que têm se tornado importantes para os cristãos na presente situação na história da igreja (mesmo que algumas delas não tenham despertado interesse tão grande em épocas anteriores). Alguns exemplos de doutrinas nessa terceira categoria seriam a doutrina da inerrância das Escrituras, a doutrina do batismo no Espírito Santo, a doutrina de Satanás e de demônios com referência específica à batalha espiritual, a doutrina dos dons espirituais na era do Novo Testamento e a doutrina da criação do homem como macho e fêmea em relação à compreensão dos papéis apropriados dos homens e das mulheres hoje. Por causa de sua relevância para a situação contemporânea, doutrinas como essas receberam ênfase maior no presente volume do que na maioria dos textos didáticos tradicionais de teologia sistemática.

Finalmente, qual a diferença entre teologia sistemática e a *ética cristã*? Embora haja inevitavelmente alguma superposição entre o estudo da teologia e o estudo da ética, tentei manter uma distinção na ênfase. A ênfase da teologia sistemática está no que Deus quer que *creiamos* e *conheçamos*, enquanto a ênfase da ética cristã está no que Deus quer que *façamos* e nas *atitudes* que ele deseja que tenhamos. Tal distinção é refletida na seguinte definição: *Ética cristã é qualquer estudo que responda à pergunta “O que Deus exige que façamos e que atitudes ele exige que tenhamos hoje?” com respeito a qualquer situação.* Dessa forma, a teologia concentra-se em idéias enquanto a ética concentra-se em situações na vida. A teologia nos diz como devemos pensar enquanto a ética nos diz como devemos viver. Um livro didático de ética, por exemplo, discutiria tópicos como casamento e divórcio, mentira e verdade, roubo e posse de bens, aborto, controle de natalidade, homossexualismo, o papel do governo civil, disciplina de crianças, pena de morte, guerra, cuidados para com o pobre, discriminação racial e assim por diante. Obviamente, existe alguma superposição: a teologia deve ser aplicada à vida (por isso, de certa forma, ela é ética). E a ética deve ser baseada em idéias adequadas de Deus e de seu mundo (por isso, ela é teológica até certo ponto).

(1) Teologia Sistemática

Este livro dará ênfase à teologia sistemática, embora não vá hesitar em aplicar a teologia à vida sempre que tal aplicação for oportuna. Mesmo assim, para um completo tratamento da ética cristã será necessário outro livro semelhante a este em amplitude.

B. PRESSUPOSIÇÕES INICIAIS DESTE LIVRO

Começamos com duas pressuposições: (1) a Bíblia é verdadeira e é, na realidade, nosso único padrão absoluto da verdade; (2) o Deus sobre quem fala a Bíblia existe e é quem a Bíblia diz ser: o criador do céu e da terra e de tudo o que neles há. Essas duas pressuposições obviamente estão sempre abertas para ajustes posteriores, modificações ou confirmações mais profundas, mas neste momento constituem o ponto em que começamos.

C. POR QUE OS CRISTÃOS DEVEM ESTUDAR TEOLOGIA?

Por que os cristãos devem estudar teologia sistemática? Ou seja, por que devemos nos envolver no processo de compilar e de sintetizar os ensinamentos de muitas passagens da Bíblia sobre assuntos específicos? Por que não é suficiente apenas continuar lendo a Bíblia com regularidade, todos os dias de nossa vida?

1. A razão básica. Muitas respostas têm sido dadas a essa pergunta, mas com muita frequência elas deixam a impressão de que a teologia sistemática pode de algum modo “aperfeiçoar” a Bíblia por fazer melhor o trabalho de organizar seus ensinamentos ou de explicá-los de maneira mais clara do que a própria Bíblia faz. Dessa forma podemos começar a negar implicitamente a clareza das Escrituras (veja capítulo 6) ou a suficiência das Escrituras (veja capítulo 8).

Entretanto, Jesus ordenou a seus discípulos e agora nos ordena também que *ensinemos* os crentes a guardar tudo o que ele ordenou:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; *ensinando-os* a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século (Mt 28.19-20).

Ora, a rigor, ensinar tudo o que Jesus ordenou é simplesmente ensinar o conteúdo do ensino oral de Jesus registrado nas narrativas dos evangelhos. Contudo, num sentido mais amplo, “tudo o que Jesus ordenou” inclui a interpretação e a aplicação de sua vida e de seus ensinamentos, porque no livro de Atos está subentendido que a obra contém a narrativa do que Jesus *continuou* a fazer e a ensinar depois de sua ressurreição por intermédio dos apóstolos (observe que 1.1 fala de “tudo o que Jesus *começou* a fazer e a ensinar”). “Tudo o que Jesus ordenou” pode incluir também as epístolas, uma vez que foram escritas sob a supervisão do Espírito Santo e também consideradas “mandamento do Senhor” (1Co 14.37; veja também Jo 14.26; 16.13; 1Ts 4.15; 2Pe 3.2; e Ap 1.1-3). Portanto, num sentido mais amplo, “tudo o que Jesus ordenou” inclui todo o Novo Testamento.

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

Além disso, quando consideramos que os escritos do Novo Testamento endossam a absoluta confiança que Jesus tinha na autoridade e na credibilidade das Escrituras do Antigo Testamento como palavra de Deus (veja capítulo 4), e quando percebemos que as epístolas do Novo Testamento também referendam essa visão do Antigo Testamento como palavra de Deus, dotadas de autoridade absoluta, torna-se evidente que não podemos ensinar “tudo o que Jesus ordenou” sem incluir também todo o Antigo Testamento (entendido corretamente nas várias maneiras pelas quais ele se aplica à era da nova aliança na história da redenção).

A tarefa de cumprir a Grande Comissão inclui, desse modo, não só a evangelização, mas também o *ensino*. E a tarefa de ensinar tudo o que Jesus ordenou é, num sentido mais amplo, a tarefa de ensinar o que a Bíblia toda nos ensina hoje. Para ensinar efetivamente a nós mesmos e aos outros o que a Bíblia toda diz, é necessário *compilar* e *resumir* todas as passagens das Escrituras sobre um assunto específico.

Por exemplo, se alguém me perguntar “Que ensina a Bíblia sobre a volta de Cristo?”, eu poderei dizer: “Basta você continuar lendo a Bíblia que vai descobrir”. Mas se a pessoa que fez a pergunta começar lendo a partir de Gênesis 1.1, passará muito tempo até que encontre a resposta à sua questão. A essa altura do tempo, muitas outras perguntas também estarão precisando de respostas, e sua lista de questões não respondidas começará a crescer e ficar deveras longa. Que ensina a Bíblia acerca da obra do Espírito Santo? Que ensina a Bíblia sobre a oração? Que ensina a Bíblia sobre o pecado? Não há simplesmente tempo suficiente em nossa vida para ler a Bíblia toda do começo ao fim em busca de uma resposta para nós mesmos toda vez que surgir uma questão doutrinária. Por essa razão, para que aprendamos o que a Bíblia diz, é muito útil ter o benefício do trabalho de outros que têm pesquisado através das Escrituras e encontrado respostas para esses vários assuntos.

Podemos ensinar aos outros de maneira mais efetiva se conseguirmos dirigi-los para as passagens mais relevantes e apresentar um resumo do ensino desses textos. Assim, a pessoa que nos faz perguntas pode examinar essas passagens rapidamente por si mesma e aprender muito mais depressa qual o ensino da Bíblia sobre um assunto específico. Assim, a necessidade da teologia sistemática para ensinar o que a Bíblia diz surge basicamente porque somos finitos em nossa memória e na quantidade de tempo à nossa disposição.

A razão básica para estudar teologia sistemática, então, é que ela nos capacita a ensinar a nós mesmos e a outros o que a Bíblia toda diz, cumprindo dessa forma a segunda parte da Grande Comissão.

2. O benefício para nossa vida. Embora a razão básica para estudar teologia sistemática seja que ela é um meio de obedecer ao mandamento do nosso Senhor, existem mais alguns benefícios específicos decorrentes de seu estudo.

Primeiro, estudar teologia nos ajuda a *vencer nossas idéias erradas*. Se não houvesse pecado em nosso coração, poderíamos ler a Bíblia de capa a capa e, embora não aprendamos imediatamente todas as coisas na Bíblia, seria mais provável que só aprendêssemos coisas verdadeiras sobre Deus e sobre sua criação. Toda vez que a lêssemos, aprenderíamos mais coisas verdadeiras e não iríamos nos rebelar ou nos recusar a aceitar algo que descobríssemos ali. Mas com o pecado em nosso coração, conservamos

(1) Teologia Sistemática

alguma rebeldia contra Deus. Em vários pontos existem – para todos nós – ensinamentos bíblicos que por uma razão ou outra não queremos aceitar. O estudo da teologia sistemática ajuda a vencer essas idéias rebeldes.

Por exemplo, suponhamos que exista alguém que não quer acreditar que Jesus voltará pessoalmente à terra. Poderíamos mostrar a essa pessoa um versículo ou talvez dois que falem da volta de Jesus à terra, mas ela poderia ainda encontrar um meio de fugir da força daquelas passagens ou ver nelas um significado diferente. Mas se reuníssemos vinte e cinco ou trinta versículos que dizem que Jesus está voltando pessoalmente à terra e os escrevêssemos todos numa folha de papel, haveria muito mais probabilidade de nosso amigo que hesita em crer no retorno de Cristo ser convencido pela amplitude e pela diversidade da evidência bíblica em favor dessa doutrina. Obviamente, todos nós temos áreas como essa, áreas em que nosso entendimento do ensino da Bíblia é inadequado. Nessas áreas, é útil para nós o fato de sermos confrontados com o *peso total do ensino das Escrituras* sobre um assunto, de modo que sejamos convencidos mais rapidamente, mesmo contra nossas inclinações iniciais erradas.

Segundo, estudar teologia sistemática ajuda a nos tornarmos *capazes de tomar decisões melhores mais tarde* em novas questões de doutrina que possam surgir. Não conseguimos saber que novas controvérsias doutrinárias surgirão nas igrejas em que vamos estar vivendo e ministrando daqui a dez, vinte ou trinta anos, se o Senhor não voltar antes disso. Essas novas controvérsias doutrinárias às vezes incluem questões que ninguém encarou com cuidado antes. Os cristãos vão perguntar: “Que diz a Bíblia como um todo sobre este assunto?”. (A natureza exata da inerrância bíblica e a compreensão adequada do ensino bíblico sobre os dons do Espírito Santo são dois exemplos de questões que se têm levantado em nosso século com muito mais vigor do que em qualquer outra época na história da igreja.)

Qualquer que seja a nova controvérsia doutrinária no futuro, aqueles que tiverem aprendido bem a teologia sistemática serão muito mais capazes de responder a novas perguntas que surgirem. A razão para isso é que tudo o que a Bíblia diz está de alguma forma relacionada com todo o resto do que a Bíblia diz (pois tudo se harmoniza de um modo coerente, pelo menos dentro da compreensão que o próprio Deus tem da realidade e dentro da natureza divina e da criação tais como elas são na verdade). Assim, a nova questão estará relacionada com muitas coisas que já teremos aprendido das Escrituras. Quanto mais completamente tivermos aprendido essa matéria anterior, mais capazes seremos de lidar bem com as novas questões.

O benefício se estende de modo ainda mais amplo. Enfrentamos problemas de aplicação das Escrituras à vida em muito mais situações do que apenas nas discussões doutrinárias formais. Que ensina a Bíblia sobre o relacionamento marido-esposa? Sobre a criação de filhos? Sobre o testemunho junto a um amigo no serviço? Que princípios as Escrituras nos dão para o estudo da psicologia, economia ou ciências naturais? Como elas nos guiam na questão do uso do dinheiro ou da poupança ou do dízimo? Em todas as áreas de pesquisa alguns princípios teológicos virão à luz, e aqueles que tiverem aprendido bem os ensinamentos teológicos da Bíblia estarão muito mais habilitados a tomar decisões que agradam a Deus.

Uma analogia útil neste ponto é a de um quebra-cabeça. Se o quebra-cabeça representa “o que a Bíblia como um todo nos ensina hoje sobre todas as coisas”, então

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

um curso de teologia sistemática seria como montar as bordas e alguns elementos principais retratados no quebra-cabeça. Mas nunca saberemos tudo o que a Bíblia ensina sobre todas as coisas, de modo que o nosso quebra-cabeça terá muitos buracos, muitas peças que ficarão sem ser encaixadas. Resolver um novo problema da vida real compare-se a preencher outro pedaço do quebra-cabeça: quanto mais peças houver no lugar certo para começar, ficará mais fácil encaixar novas peças e haverá menos probabilidade de serem cometidos erros. O alvo deste livro é capacitar os cristãos a colocar em seu “quebra-cabeça teológico” o máximo de peças com o máximo de precisão possíveis e incentivá-los a colocar mais e mais peças certas pelo resto da vida. As doutrinas cristãs estudadas aqui servirão como normas para ajudar na montagem de todas as demais áreas, áreas que dizem respeito a todos os aspectos da verdade em todos os aspectos da vida.

Terceiro, estudar teologia sistemática irá *ajudar-nos a crescer como cristãos*. Quanto mais soubermos a respeito de Deus, de sua Palavra, de seu relacionamento com o mundo e com a humanidade, mais vamos confiar nele, louvá-lo de modo mais pleno e obedecer-lhe mais prontamente. Estudar a teologia sistemática corretamente vai nos tornar cristãos mais maduros. Se isso não ocorrer, não a estamos estudando do modo que Deus quer.

De fato, a Bíblia com frequência relaciona a sã doutrina com a maturidade na vida cristã: Paulo fala de “*ensino segundo a piedade*” (1Tm 6.3) e diz que o trabalho de um apóstolo consiste em “promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da *verdade segundo a piedade*” (Tt 1.1). Em contraste, assinala que toda sorte de desobediência e imoralidade “se opõe à sã doutrina” (1Tm 1.10).

Em associação com essa idéia é oportuno perguntar qual a diferença entre uma “doutrina básica” e uma “doutrina secundária”. Com frequência os cristãos dizem que desejam buscar concordância na igreja sobre doutrinas básicas, mas também tolerar diferenças em doutrinas secundárias. Tenho visto que a seguinte norma é útil:

Uma doutrina básica é a que tem impacto significativo em nosso pensamento acerca de outras doutrinas, ou que tem impacto significativo em como vivemos a vida cristã. Uma doutrina secundária é a que tem impacto muito pequeno sobre o que pensamos acerca de outras doutrinas e impacto muito pequeno sobre como vivemos a vida cristã.

Segundo esse padrão, doutrinas como a autoridade da Bíblia (capítulo 4), a Trindade (capítulo 14), a divindade da Cristo (capítulo 26), justificação pela fé (capítulo 36) e muitas outras seriam consideradas corretamente doutrinas básicas. Pessoas que discordam do entendimento evangélico histórico de qualquer dessas doutrinas terão grandes áreas de diferença com os cristãos evangélicos que afirmam essas doutrinas. Em contraste, parece-me que diferenças sobre formas de governo da igreja (capítulo 47) ou alguns detalhes da ceia do Senhor (capítulo 50) ou ainda o momento da grande tribulação (capítulo 55) dizem respeito a doutrinas secundárias. Cristãos que divergem entre si sobre essas coisas possam talvez concordar em todas as demais áreas da doutrina, viver uma vida cristã em que não há nenhuma discordância importante e ter comunhão genuína uns com os outros.

Obviamente, podemos encontrar doutrinas que se encaixam entre “básica” e “secundária”, segundo esse padrão. Por exemplo, os cristãos podem divergir sobre o grau de importância que deve ser atribuído à doutrina do batismo (capítulo 49) ou do milênio

(1) Teologia Sistemática

(capítulo 55) ou da extensão da expiação (capítulo 27). Isso é natural, porque muitas doutrinas exercem *alguma* influência sobre outras doutrinas ou sobre a vida, mas podemos divergir quanto a julgar “importante” essa influência. Poderíamos mesmo reconhecer que há uma amplitude de importância aqui e dizer apenas que quanto mais influência uma doutrina exerce sobre outras doutrinas e sobre a vida, mais ela se torna “básica”. Esse grau de influência pode ainda variar de acordo com circunstâncias históricas e necessidades da igreja num dado momento. Em tais casos, os cristãos precisam pedir a Deus que lhes dê sabedoria madura e julgamento sadio à medida que tentam determinar até que ponto uma doutrina deve ser considerada “básica” em suas circunstâncias particulares.

D. NOTA SOBRE DUAS OBJEÇÕES AO ESTUDO DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA

1. **“As conclusões são ‘tão requintadas’ que não podem ser verdadeiras.”** Alguns eruditos olham com desconfiança a teologia sistemática quando – ou mesmo porque – seus ensinamentos se harmonizam uns com os outros de modo não-contraditório. Fazem objeção dizendo que as conclusões são “requintadas demais” e que os teólogos sistemáticos devem estar, portanto, colocando à força os ensinamentos da Bíblia dentro de um molde artificial, distorcendo o verdadeiro significado das Escrituras a fim de conseguir um conjunto ordenado de crenças.

Contra essa objeção podem ser dadas duas respostas: (1) Devemos primeiro pedir às pessoas que fazem objeção que nos digam em que pontos específicos a Bíblia tem sido interpretada erroneamente e, depois, procurar entender essas passagens. Talvez tenham sido cometidos enganos e, nesse caso, deve haver correções.

Mas também é possível que a pessoa não tenha em mente passagens específicas ou interpretações claramente errôneas para apontar nas obras dos teólogos evangélicos mais responsáveis. É claro que uma exegese incompetente pode ser encontrada nos escritos dos estudiosos menos aptos em *qualquer* campo dos estudos bíblicos e não apenas na teologia sistemática, mas esses “maus exemplos” constituem objeção não contra o campo de estudo, mas, sim, contra o próprio estudioso.

É muito importante que o opositor seja específico nesse ponto porque essa objeção é feita às vezes por aqueles que – talvez de modo inconsciente – têm adotado de nossa cultura uma visão cética quanto à possibilidade de encontrar conclusões universalmente verdadeiras sobre qualquer coisa, até mesmo acerca de Deus a partir de sua Palavra. Esse tipo de ceticismo em relação à verdade teológica é especialmente comum no mundo universitário moderno, no qual a “teologia sistemática” é estudada – quando ela é estudada – apenas a partir da perspectiva da teologia filosófica e da teologia histórica (incluindo talvez um estudo histórico de várias idéias nas quais criam os primeiros cristãos que escreveram o Novo Testamento bem como outros cristãos daquela época e através da história da igreja). Nessa espécie de clima intelectual, o estudo da “teologia sistemática”, tal como definida neste capítulo, seria considerado impossível, porque a Bíblia seria encarada meramente como um trabalho de muitos autores humanos que escreveram a partir de diversas culturas e experiências, ao longo de mais de mil anos: tentar encontrar “o que a Bíblia como um todo ensina” sobre qualquer assunto seria uma tarefa quase tão ingrata quanto encontrar “o que todos os filósofos ensinam” sobre alguma questão, pois em ambos os casos se pensa que a resposta não seria uma única visão mas muitos pontos

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

de vista, com freqüência conflitantes. Essa visão cética deve ser rejeitada pelos evangélicos que vêem as Escrituras como produto de autoria humana e divina e, portanto, como uma coleção de escritos que ensinam verdades não-contraditórias sobre Deus e sobre o universo que ele criou.

(2) Segundo, deve-se responder que na mente do próprio Deus, e na natureza da realidade em si, fatos e idéias *verdadeiros* são todos coerentes uns com os outros. Portanto, se entendemos de maneira precisa os ensinamentos de Deus nas Escrituras, devemos esperar que nossas conclusões “se harmonizem umas com as outras” e sejam mutuamente coerentes. Coerência interna, portanto, é um argumento a favor, não contra, qualquer conclusão específica da teologia sistemática.

2. “A escolha dos assuntos dita as conclusões.” Outra objeção geral à teologia sistemática diz respeito à escolha e organização dos assuntos e até mesmo ao próprio fato de se fazer o estudo das Escrituras por assuntos, usando categorias às vezes diferentes das que se encontram na própria Bíblia. Por que *esses* assuntos teológicos são considerados em vez de se tratarem apenas os assuntos enfatizados pelos autores bíblicos, e por que os assuntos são *organizados desse modo* em vez de outro? Talvez – essa objeção diria – nossas tradições e culturas tenham determinado os assuntos de que tratamos bem como sua organização, de modo que as conclusões do estudo das Escrituras segundo a teologia sistemática, embora aceitáveis em nossa própria tradição teológica, são na realidade incoerentes em relação à própria Bíblia.

Uma variante dessa objeção é a afirmação de que nosso ponto de partida com freqüência determina nossas conclusões sobre assuntos polêmicos: se decidimos começar com ênfase na autoria divina das Escrituras, por exemplo, vamos terminar acreditando na inerrância bíblica, mas se começarmos com ênfase na autoria humana das Escrituras, vamos terminar acreditando que existem alguns erros na Bíblia. De modo semelhante, se começarmos com ênfase na soberania de Deus, vamos terminar calvinistas, mas se começarmos com ênfase na capacidade do homem de fazer livres escolhas, vamos terminar arminianos,⁸ e assim por diante. Segundo essa objeção, parece que as mais importantes questões teológicas podem ser resolvidas atirando-se uma moeda ao ar para decidir por onde começar, uma vez que conclusões *diferentes e igualmente válidas* serão inevitavelmente extraídas começando de pontos de partida diferentes.

Os que fazem tal objeção com freqüência afirmam que a melhor maneira de evitar esse problema não é de modo algum estudar ou ensinar teologia sistemática, mas limitar nossos estudos dos assuntos ao campo da teologia bíblica, tratando apenas dos assuntos e dos temas que os próprios autores bíblicos enfatizam e descrevendo o desenvolvimento histórico desses temas bíblicos através da Bíblia.

Em resposta a essa objeção, grande parte da discussão deste capítulo sobre a necessidade do ensino das Escrituras será relevante. Nossa escolha dos tópicos não precisa se restringir aos interesses principais dos autores bíblicos, pois nosso alvo é descobrir o que Deus exige de nós em todas as áreas do nosso interesse hoje.

Por exemplo, nenhum autor do Novo Testamento tinha como interesse *principal* explicar assuntos como “batismo no Espírito Santo” ou o papel das mulheres na igreja ou a doutrina da Trindade; mas essas matérias constituem áreas válidas de interesse para nós hoje, e devemos olhar para todos os trechos nas Escrituras que sejam relevantes para

(1) Teologia Sistemática

esses tópicos (não importa se os termos específicos são mencionados ou não, nem se esses temas são ou não a preocupação principal de cada passagem que examinamos) para que sejamos capazes de entender e explicar aos outros “o que a Bíblia como um todo ensina” sobre eles.

A única alternativa a isso – pois *vamos pensar alguma coisa* acerca desses assuntos – é formar nossas opiniões ao acaso a partir da impressão geral do que sentimos ser a posição “bíblica” em cada assunto, ou talvez escorar nossas posições com análise cuidadosa de um ou dois textos relevantes, mesmo sem nenhuma garantia de que esses textos apresentam uma visão equilibrada de “todo o desígnio de Deus” (At 20.27) sobre o assunto em consideração. Na verdade, essa abordagem – comum demais nos círculos evangélicos hoje – poderia, creio, ser chamada “teologia não-sistemática” ou mesmo “teologia desordenada e aleatória”! Tal alternativa é por demais subjetiva e sujeita a pressões culturais. Tende para a fragmentação doutrinária e para a incerteza doutrinária bem difundida, deixando a igreja teologicamente imatura, formada por cristãos que são “como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina” (Ef 4.14).

Com relação à objeção acerca da escolha e da seqüência dos assuntos, não existe nada que nos impeça de consultar a Bíblia em busca de respostas para *quaisquer* questões doutrinárias, consideradas em *qualquer seqüência*. A seqüência de assuntos neste livro é bem comum e foi adotada porque é ordenada e presta-se bem à aprendizagem e ao ensino. Mas os capítulos podem ser lidos em qualquer seqüência desejada e as conclusões não deverão ser diferentes, tampouco o poder de persuasão dos argumentos – se foram corretamente derivados das Escrituras – sofrerá redução significativa. Na verdade, desconfio que a maioria dos leitores deste livro não vai lê-lo direto do capítulo 1 ao 57, mas, sim, começar com os capítulos que mais lhe interessa e ler os outros mais tarde. Isso realmente não tem importância, porque tentei escrever os capítulos de tal modo que possam ser lidos como unidades independentes e acrescentei referências cruzadas a seções em outros capítulos que julguei relevantes. Se alguém ler o capítulo sobre novos céus e nova terra (capítulo 57) primeiro ou por último ou em algum momento no meio, os argumentos serão os mesmos, as passagens bíblicas citadas em apoio serão as mesmas e as conclusões deverão ser as mesmas.

E. COMO OS CRISTÃOS DEVEM ESTUDAR TEOLOGIA SISTEMÁTICA?

Como devemos, então, estudar teologia sistemática? A Bíblia fornece algumas normas para responder a essa pergunta.

1. Devemos estudar teologia sistemática com oração. Se a teologia sistemática é simplesmente um modo de estudar a Bíblia, então as passagens nas Escrituras que falam acerca do modo pelo qual devemos estudar a Palavra de Deus nos guiam nessa tarefa. Assim como o salmista ora em Salmos 119.18, “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”, devemos orar e buscar a ajuda de Deus para entender sua Palavra. Paulo nos diz em 1Coríntios 2.14 que “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucuras; e não pode entendê-las, porque elas se

(1) Introdução à Teologia Sistemática

discernem espiritualmente”. Estudar teologia, portanto, é uma atividade espiritual em que precisamos da ajuda do Espírito Santo.

Não importa quão inteligente seja o aluno, se ele não continuar a orar a Deus pedindo uma mente que compreenda e um coração crente e humilde, e se não mantiver um andar pessoal com o Senhor, então os ensinamentos das Escrituras serão interpretados de maneira errada e desacreditados, erros doutrinários surgirão como consequência, e a mente e o coração serão transformados não para melhor, mas para pior. Os estudantes de teologia sistemática devem decidir logo no início guardar sua vida de qualquer desobediência a Deus ou de qualquer pecado conhecido que possa romper seu relacionamento com ele. Devem resolver manter sua vida devocional com grande regularidade. Devem orar continuamente, pedindo sabedoria e entendimento das Escrituras.

Uma vez que é o Espírito Santo que nos dá a capacidade para entender corretamente as Escrituras, precisamos nos conscientizar de que a coisa certa a fazer, em especial quando não conseguimos entender alguma passagem ou alguma doutrina da Bíblia, é orar pedindo a ajuda de Deus. Com frequência o que precisamos não é de mais dados, mas, sim, de mais percepção dos dados já disponíveis. Essa percepção é dada somente pelo Espírito Santo (cf. 1Co 2.14; Ef 1.17-19).

2. Devemos estudar teologia sistemática com humildade. Pedro nos diz: “... cingivos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça” (1Pe 5.5). Aqueles que estudam teologia sistemática vão aprender muitas coisas acerca dos ensinamentos das Escrituras que talvez sejam ignoradas ou não muito conhecidas por outros cristãos de suas igrejas ou por seus parentes mais velhos no Senhor. Poderão descobrir que entendem coisas sobre as Escrituras que alguns oficiais de sua igreja não entendem e que até mesmo o seu pastor talvez tenha esquecido ou nunca tenha aprendido.

Em todas essas situações é muito fácil assumir uma atitude de orgulho ou de superioridade em relação a outros que não tiveram o mesmo estudo. Mas que horrível seria se qualquer pessoa viesse a usar esse conhecimento da Palavra de Deus simplesmente para impor seus argumentos ou para humilhar um companheiro cristão numa conversa, ou para fazer outro crente se sentir insignificante na obra do Senhor. O conselho de Tiago é bom para nós neste ponto: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1.19-20). Ele nos diz que o entendimento das Escrituras deve ser compartilhado em humildade e amor:

Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras. [...] A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz (Tg 3.13, 17-18).

A teologia sistemática estudada de modo correto não conduzirá ao conhecimento que “ensoberbece” (1Co 8.1), mas, sim, à humildade e ao amor pelos outros.

(1) Teologia Sistemática

3. Devemos estudar teologia sistemática com a razão. Verificamos no Novo Testamento que Jesus e os escritores neotestamentários com frequência citam um versículo das Escrituras e depois extraem dele conclusões lógicas. Eles *raciocinam* a partir das Escrituras. Não é errado, portanto, usar entendimento humano, lógica humana e razão humana para extrair conclusões das declarações da Bíblia. Porém, quando raciocinamos e extraímos o que pensamos ser conclusões lógicas corretas das Escrituras, às vezes cometemos enganos. As deduções que fazemos de declarações das Escrituras não são iguais às declarações das Escrituras propriamente ditas quanto a certeza ou autoridade, pois nossa capacidade para raciocinar e tirar conclusões não é o padrão último da verdade – só a Bíblia o é.

Quais são, então, os limites para o uso do nosso raciocínio a fim de fazer deduções a partir das declarações das Escrituras? O fato de que raciocinar e chegar a conclusões que vão além de meras declarações das Escrituras é apropriado e até mesmo necessário para o estudo da Bíblia combina com o fato de que a própria Bíblia é o último padrão da verdade; e, juntos, esses fatos nos mostram que *somos livres para usar nossa razão a fim de extrair conclusões de qualquer passagem das Escrituras, até o ponto em que essas deduções não contradigam o ensino claro de alguma outra passagem das Escrituras*.⁹

Esse princípio põe uma salvaguarda em nosso uso daquilo que pensamos ser deduções lógicas das Escrituras. Nossas deduções supostamente lógicas podem ser errôneas, mas as Escrituras em si mesmas não. Assim, por exemplo, podemos ler a Bíblia e verificar que o Deus Pai é chamado Deus (1Co 1.3), que o Deus Filho é chamado Deus (Jo 20.28; Tt 2.13) e que o Deus Espírito Santo é chamado Deus (At 5.3-4). Poderíamos deduzir a partir disso que existem três Deuses. Mas por outro lado vemos que a Bíblia nos ensina explicitamente que Deus é um só (Dt 6.4; Tg 2.19). Dessa forma concluímos que o que *pensamos* ser uma dedução lógica válida acerca de três Deuses era errada e a Bíblia ensina ao mesmo tempo que (a) existem três pessoas distintas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), cada uma das quais é plenamente Deus, e (b) existe um único Deus.

Não podemos entender exatamente como essas duas declarações podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, pois juntas constituem um *paradoxo* (“declaração aparentemente contraditória que, no entanto, pode ser verdadeira”).¹⁰ Podemos tolerar um paradoxo (tal como “Deus é três pessoas e um único Deus”) porque confiamos que, em última análise, Deus conhece plenamente a verdade acerca de si mesmo e da natureza da realidade, e que em seu entendimento os diferentes elementos de um paradoxo são harmonizados de maneira perfeita, mesmo que nesse ponto os pensamentos de Deus sejam mais altos do que os nossos pensamentos (Is 55.8-9). Mas a verdadeira contradição (tal como “Deus é três pessoas e Deus não é três pessoas”) implicaria contradição essencial na própria compreensão que Deus tem de si mesmo ou da realidade, e isso não pode acontecer.

Quando o salmista diz “a soma da tua palavra é a verdade, e cada uma das tuas justas ordenanças dura para sempre” (Sl 119.160, *IBB*), implica que as palavras de Deus são verdadeiras não só isoladamente, mas também juntas como um todo. Vistas coletivamente, a “soma” delas também é “a verdade”. Em última análise, não existe contradição interna nem nas Escrituras nem nos próprios pensamentos de Deus.

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

4. Devemos estudar teologia sistemática com a ajuda de outros. Precisamos ser gratos a Deus por ter colocado os mestres na igreja (“A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, *mestres...*” [1Co 12.28]). Devemos permitir aos que têm o dom de ensino que nos ajudem a entender as Escrituras. Isso significa que devemos fazer uso das teologias sistemáticas e de outros livros escritos por alguns dos mestres que Deus tem dado à igreja ao longo de sua história. Significa também que nosso estudo de teologia deve incluir *conversas com outros cristãos* sobre coisas que estudamos. Entre as pessoas com quem conversamos, com frequência haverá alguns com dom de ensino que podem explicar os ensinamentos bíblicos com clareza e ajudar-nos a entendê-los com mais facilidade. Na verdade, alguns dos aprendizados mais eficazes nos cursos de teologia sistemática em faculdades e seminários ocorrem muitas vezes fora da sala de aula, em conversas informais entre alunos que tentam compreender as doutrinas bíblicas por si mesmos.

5. Devemos estudar teologia sistemática compilando e entendendo todas as passagens bíblicas relevantes em qualquer assunto. Este ponto foi mencionado em nossa definição de teologia sistemática no começo do capítulo, mas o processo concreto precisa ser descrito aqui. Como alguém empreende a tarefa de fazer uma síntese doutrinária daquilo que todas as passagens das Escrituras ensinam sobre determinado assunto? Para os assuntos abrangidos nesta obra, muitas pessoas pensarão que é suficiente estudar os capítulos neste livro e ler os versículos bíblicos ali indicados. Como poderá um aluno usar a Bíblia para pesquisar seus ensinamentos sobre algum assunto novo, talvez não discutido explicitamente em nenhum de seus livros de teologia sistemática?

O processo seria mais ou menos o seguinte: (1) Encontrar todos os versículos relevantes. A melhor ajuda nesse passo é uma boa concordância, que possibilita procurar palavras-chave e encontrar os versículos em que o assunto é tratado. Por exemplo, ao estudar o que significa a criação do homem à imagem e semelhança de Deus, é preciso encontrar todos os versículos em que ocorrem as palavras “imagem”, “semelhança” e “criar” (as palavras “homem” e “Deus” ocorrem numa frequência tão grande que não são úteis numa pesquisa em concordância). Ao estudar a doutrina da oração, muitas palavras poderiam ser procuradas (*orar, oração, interceder, petição, súplica, confessar, confissão, louvar, graças, ação de graças*, etc.) – e talvez a lista de versículos fique tão grande que não possa ser manejada, de modo que o estudante tenha de passar os olhos pelos verbetes da concordância sem procurar os versículos, ou a pesquisa provavelmente teria de ser dividida em seções ou limitada de alguma outra maneira. Os versículos podem ser encontrados também pensando em toda a história da Bíblia e então voltando-se para seções em que há informações sobre o assunto em estudo – por exemplo, um aluno que esteja pesquisando sobre a oração poderá desejar ler passagens como a oração de Ana pedindo um filho (em 1Sm 1), a oração de Salomão na dedicação do templo (em 1Rs 8), a oração de Jesus no jardim do Getsêmani (em Mt 26 e paral.), e assim por diante. Depois, aliado ao trabalho com a concordância e à leitura de outras passagens sobre o assunto que possam ser encontradas, a verificação de seções relevantes em alguns livros de teologia sistemática muitas vezes traz à luz outros versículos que foram esquecidos, às vezes porque nenhuma das palavras-chave usadas para a concordância se encontra nesses versículos.¹¹

(1) Teologia Sistemática

(2) O segundo passo é ler os versículos relevantes, fazer anotações e tentar resumir os seus pontos principais. Às vezes um tema será repetido com frequência e o resumo de vários versículos será relativamente fácil. Em outras ocasiões, haverá passagens difíceis de entender, e o aluno precisará gastar algum tempo para estudar um versículo em profundidade (apenas lendo o versículo em seu contexto várias vezes ou usando ferramentas especializadas como comentários e dicionários) até alcançar um entendimento satisfatório.

(3) Finalmente, os ensinamentos dos vários versículos devem ser sintetizados em um ou mais pontos que a Bíblia afirma sobre aquele assunto. O resumo não precisa ter a forma exata das conclusões de ninguém mais sobre o assunto porque cada um de nós pode ver nas Escrituras coisas que os outros não perceberam, ou organizar o assunto de modo diferente ou ainda enfatizar aspectos diferentes.

Por outro lado, neste ponto é útil também ler as seções relacionadas, se houver alguma, nos diversos livros de teologia sistemática. Isso provê uma verificação útil contra erros e lapsos, e com frequência nos conscientiza das visões alternativas e dos argumentos que podem nos levar a modificar ou fortalecer nossa posição. Se um aluno verifica que os outros argumentam em favor de conclusões bem diferentes, então essas outras visões precisam ser enunciadas de modo exato e, depois, respondidas. Às vezes, outros livros de teologia vão alertar-nos para as considerações históricas ou filosóficas feitas antes na história da igreja, e estas fornecerão mais percepção ou advertência contra o erro.

O processo esboçado acima está ao alcance de qualquer cristão que consiga ler a Bíblia e procurar palavras numa concordância. Obviamente, as pessoas se tornarão mais rápidas e mais precisas com tempo, experiência e maturidade cristã, mas seria uma tremenda ajuda para a igreja se os cristãos em geral dedicassem muito mais tempo para pesquisar assuntos nas Escrituras por si mesmos e para extrair conclusões pelo método esboçado acima. A alegria da descoberta de temas bíblicos seria ricamente recompensadora. Em especial os pastores e aqueles que lideram estudos bíblicos vão sentir novo alento em sua compreensão da Bíblia e em seu ensino.

6. Devemos estudar teologia sistemática com regozijo e louvor. O estudo da teologia não é meramente um exercício teórico do intelecto. É um estudo do Deus vivo e das maravilhas de todas as suas obras na criação e na redenção. Não podemos estudar esse assunto de maneira fria! Devemos amar tudo o que Deus é, tudo o que ele diz e tudo o que ele faz. “Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração” (Dt 6.5). Nossa resposta ao estudo da teologia das Escrituras deve ser a mesma do salmista, que disse: “Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos!” (Sl 139.17). Ao estudar os ensinamentos da Palavra de Deus, não devemos nos surpreender se muitas vezes nosso coração prorromper espontaneamente em expressões de louvor e deleite como as do salmista:

Os preceitos do Senhor são retos
e alegram o coração (Sl 19.8).

Mais me regozijo com o caminho dos teus testemunhos
do que com todas as riquezas (Sl 119.14).

Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar!
Mais que o mel à minha boca (Sl 119.103).

(1) *Introdução à Teologia Sistemática*

Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo,
porque me constituem o prazer do coração (Sl 119.111).

Alegro-me nas tuas promessas,
como quem acha grandes despojos (Sl 119.162).

Com frequência, ao estudar teologia a reação do cristão deve ser semelhante à de Paulo, ao refletir sobre o longo argumento teológico que havia acabado de completar ao final de Romanos 11.32. Ele irrompe em alegre louvor diante da riqueza da doutrina que Deus o havia capacitado a expressar:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!

Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?
Ou quem foi o seu conselheiro?
Ou quem primeiro deu a ele
para que lhe venha a ser restituído?

Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém (Rm 11.33-36).

NOTAS

1. Esta definição de teologia sistemática é emprestada do Professor John Frame, agora no Westminster Seminary em Escondido, Califórnia, com quem tive o privilégio de estudar em 1971-73 (no Westminster Seminary, Filadélfia). Embora seja impossível reconhecer minha dívida para com ele em todos os pontos, devo expressar gratidão a ele neste ponto e dizer que ele provavelmente influenciou meu pensamento teológico mais do que ninguém, em especial nas áreas cruciais de natureza da teologia sistemática e de doutrina da Palavra de Deus. Muitos de seus ex-alunos perceberão reflexos de seu ensino nas páginas seguintes, especialmente nessas duas áreas.

2. Gordon Lewis e Bruce Demarest cunharam uma nova frase, “teologia integrativa”, para se referir à teologia sistemática neste sentido mais amplo; veja a excelente obra em três volumes escrita por eles, *Integrative Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1987-94). Para cada doutrina, eles analisam alternativas históricas e passagens bíblicas relevantes, fornecem um resumo coerente da doutrina, respondem a objeções filosóficas e apresentam uma aplicação prática.

3. Charles Hodge diz: “As Escrituras contêm todos os Fatos da Teologia” (cabecalho de seção em *Systematic Theology*, 1:15). Afirma que as idéias obtidas por intuição, por observação ou por experiência são válidas na teologia somente se forem sustentadas pelo ensino das Escrituras.

4. O termo “teologia bíblica” poderia parecer natural e apropriado para o processo que tenho chamado “teologia sistemática”. Contudo, seu uso nos estudos teológicos para se referir ao trabalho de rastrear o desenvolvimento histórico de doutrinas através da Bíblia é tão bem estabelecido que começar agora a usar o termo *teologia bíblica* para se referir ao que tenho chamado *teologia sistemática* só resultaria em confusão.

(1) Teologia Sistemática

5. Robert L. Reymond, “The Justification of Theology with a Special Application to Contemporary Christology” in Nigel M. Cameron, ed., *The Challenge of Evangelical Theology: Essays in Approach and Method* (Edinburgh: Rutherford House, 1987), p. 82-104, cita vários exemplos neotestamentários desse tipo de pesquisa através de toda a Bíblia, visando demonstrar conclusões doutrinárias: Jesus em Lucas 24.25-27 (e outras passagens); Apolo em Atos 18.28; o Concílio de Jerusalém em Atos 15; Paulo em Atos 17.2-3; 20.27; e toda a carta de Romanos. A essa lista poderiam ser acrescentados Hebreus 1 (sobre a filiação divina de Cristo), Hebreus 11 (sobre a natureza da verdadeira fé) e muitas outras passagens das epístolas.

6. Veja capítulo 35, sobre a fé salvadora.

7. A palavra *dogma* é um sinônimo próximo de *doutrina*, mas não a utilizei neste livro. *Dogma* é um termo usado mais amiúde por teólogos católicos romanos e luteranos e freqüentemente se refere a doutrinas que têm endosso oficial da igreja. *Teologia dogmática* é outro termo designativo de *teologia sistemática*.

8. Veja no capítulo 16, divisões G e H, discussão sobre os termos *calvinista* e *arminiano*.

9. Essa norma é adotada também do Professor John Frame, do Westminster Seminary (veja nota 1).

10. *The American Heritage Dictionary of the English Language*, ed. William Morris (Boston: Houghton-Mifflin, 1980), p. 950 (primeira definição). Essencialmente o mesmo significado é adotado pelo *Oxford English Dictionary* (ed. 1913, 7:450), pelo *Concise Oxford Dictionary* (ed. 1981, p.742), pelo *Random House College Dictionary* (ed. 1979, p. 964) e pelo *Chambers Twentieth Century Dictionary* (p. 780), embora todos observem que *paradoxo* pode também significar “contradição” (porém menos comumente); compare a *Encyclopedia of Philosophy*, ed. Paul Edwards (New York: Macmillan and The Free Press, 1967), 5:45, e todo o artigo “Logical Paradoxes” por John van Heijenoort nas p. 45-51 do mesmo volume, que propõe soluções a muitos paradoxos clássicos na história da filosofia. (Se *paradoxo* significasse “contradição”, tais soluções seriam impossíveis.)

Quando uso a palavra *paradoxo* no sentido básico definido por esses dicionários hoje, percebo que estou me divergindo até certo ponto do artigo “Paradoxo” de K. S. Kantzer na EHTIC, ed. Walter Elwell, v. III, p. 98-9 (o qual entende que *paradoxo* significa essencialmente “contradição”). Entretanto, estou empregando *paradoxo* num sentido comum no idioma inglês e também conhecido na filosofia. Parece-me que não existe nenhuma palavra melhor que *paradoxo* para se referir a uma contradição aparente e não real.

Há, porém, certa falta de uniformidade na discussão evangélica contemporânea quanto ao uso do termo *paradoxo* e de uma palavra relacionada, *antinomia*. A palavra *antinomia* às vezes tem sido aplicada para o que eu chamo aqui de *paradoxo*, ou seja, “declarações aparentemente contraditórias que, no entanto, podem ser verdadeiras ao mesmo tempo” (veja, por exemplo, John Jefferson Davis, *Theology Primer* [Grand Rapids: Baker, 1981], p. 18). Esse sentido para *antinomia* recebeu apoio de um livro muito lido, *Evangelização e soberania de Deus*, de J. I. Packer (2 ed., São Paulo: Vida Nova, 1990). Nas p. 16-18, Packer define “antinomia” como “uma contradição aparente” (mas admite na p. 16 que sua definição difere da do *Shorter Oxford Dictionary*). Meu problema com o emprego do termo *antinomia* com esse sentido é que a palavra é tão inusitada no inglês comum, que ela apenas aumenta o estoque de termos técnicos que os cristãos têm de aprender a fim de poder entender os teólogos; além disso, tal acepção não é apoiada por nenhum dos dicionários acima, os quais definem *antinomia* como “contradição” (e.g., *Oxford English Dictionary*, 1:371). O problema não é sério, mas ajudaria na comunicação se os evangélicos pudessem concordar em uniformizar os sentidos com que usam esses termos.

(1) Introdução à Teologia Sistemática

Um paradoxo é, com certeza, aceitável na teologia sistemática, e na verdade paradoxos são inevitáveis uma vez que temos entendimento finito de qualquer tópico teológico. Contudo, é importante reconhecer que a teologia cristã nunca deve afirmar uma *contradição* (um conjunto de duas declarações, uma das quais nega a outra). Uma contradição seria “Deus é três pessoas e Deus não é três pessoas” (quando o termo *pessoas* possui o mesmo sentido nas duas metades da declaração).

11. Tenho lido vários trabalhos de alunos dizendo, por exemplo, que o Evangelho de João não diz nada sobre como os cristãos devem orar, porque eles procuraram na concordância e viram que a palavra *oração* não aparece em João, e o verbo *orar* ocorre quatro vezes para se referir a Jesus orando nos capítulos 14, 16 e 17. Eles não notaram o fato de que João contém vários versículos importantes em que a palavra *pedir* é usada em lugar de *orar* (Jo 14.13-14; 15.7, 16; et al.).

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

**Atual, Clara, Honesta
Abrangente, Relevante.**

Assim é a Teologia Sistemática de Wayne Grudem. Não se trata de apenas um manual de teologia sistemática, mas de uma obra de referência na mais completa acepção do termo. Uma rápida leitura das páginas de conteúdo (VII a XII) lhe dará a segurança de que você tem em mãos uma obra que vai responder integralmente às suas dúvidas e questionamentos teológicos. Aqui você vai encontrar um tratamento sério e franco de questões como:

- Batalha espiritual (incluindo um exame da possessão demoníaca de cristãos)
- O papel da mulher na liderança da igreja (não deixando de fora a discussão sobre o pastorado feminino)
- Quem são e que fazem os anjos
- Dons espirituais na igreja (incluindo dons como cura, profecia e outros superestimados ou desvalorizados pelas igrejas de hoje)
- A criação do mundo (ou seria mesmo evolução?)

Além dessas questões, encontrará também todos os temas clássicos de uma sistemática. O texto é claro, leve, comunicativo e isento de termos técnicos desnecessários.

Novidade desta edição:

Inclusão de índices de assuntos, de autores e de referências bíblicas, que não só auxiliam no estudo da obra, mas também são extremamente úteis para o preparo de mensagens.

Wayne Grudem

**Especialista, Altamente conceituado,
Relevante, Excelente comunicador,
Atual, Evangélico.**

ASSIM É WAYNE GRUDEM. Autoridade respeitadíssima nos melhores círculos acadêmicos, internacionalmente aclamado. Ele é graduado em Harvard, mestre em divindade pelo Westminster Theological Seminary

e doutor pela Universidade de Cambridge, foi professor titular do departamento de teologia bíblica e sistemática da Trinity Evangelical Divinity School durante vinte anos. Atualmente, leciona no Phoenix Seminary. Já escreveu diversos artigos e obras de referência de grande aceitação no Brasil.


VIDA NOVA

www.vidanova.com.br

ISBN: 978-85-275-0270-2



9 788527 502702